



Eixo 1 - Não deixar ninguém para trás

Entre o discurso e a ação cabem mil meditações: o planejamento como prática de transformação antirracista em biblioteca

Between discourse and action lie a thousand reflections: planning as a practice of antiracist transformation in library

Vagner Almeida dos Santos – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp) – vagner.almeida@unesp.br

Dayane Bruna da Silva Ferreira – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp) – dayane.bruna@unesp.br

Resumo: Este estudo analisa como os artigos científicos da Biblioteconomia e Ciência da Informação abordam a relação entre planejamento bibliotecário e práticas antirracistas em bibliotecas. De abordagem qualitativa, utiliza a Análise de Conteúdo sobre artigos indexados na BRAPCI. O resultado indica que, embora existam discussões sobre acervos decoloniais, educação antirracista, ética profissional e organização crítica do conhecimento, a discussão sobre o planejamento bibliotecário é incipiente, superficial ou ausente. A integração entre planejamento e ações antirracistas constitui lacuna teórica na área, reforçando a necessidade de estudos sobre planos de ações para enfrentamento do racismo através da biblioteca.

Palavras-chave: Planejamento bibliotecário. Biblioteca antirracista. Antirracismo. Práticas bibliotecárias.

Abstract: This study analyzes how scientific articles in Library and Information Science address the relationship between library planning and anti-racist practices in libraries. Using a qualitative approach, it employs Content Analysis on articles indexed in BRAPCI. The results indicate that, although there are discussions on decolonial collections, anti-racist education, professional ethics, and critical organization of knowledge, the discussion on library planning is incipient, superficial, or absent. The integration between planning and anti-racist actions constitutes a theoretical gap in the field, reinforcing the need for studies on action plans to confront racism through the library.

Keywords: Library planning. Antiracist library. Antiracism. Library practices.



1 Palavras iniciais

Embora o planejamento seja reconhecido como o alicerce indispensável para o desenvolvimento de bibliotecas, observa-se que as práticas tradicionais de gestão bibliotecária frequentemente negligenciam tanto a elaboração do plano de trabalho (Almeida, 2009) quanto às tensões raciais que permeiam a sociedade. A aparente ausência de discussões e de literatura científica que articulem a dimensão antirracista no planejamento bibliotecário constitui o pressuposto deste estudo e sugere a escassez de práticas institucionais que integrem esses dois elementos. Quando existentes, tais ações tendem a ocorrer de forma fragmentada e pontual.

Por outro lado, a atuação efetivamente antirracista do profissional bibliotecário pressupõe o desenvolvimento de competências específicas sobre a temática racial. Essa formação deve compreender a condição da população negra diante do racismo e, simultaneamente, a superação do mito da neutralidade bibliotecária, qualificando o profissional para o exercício de uma mediação crítica e consciente (Silva, 2022). A essa qualificação soma-se ainda a necessidade de superação de outro mito da democracia racial, denunciado por Florestan Fernandes em 1964 (Guimarães, 2001).

Nesse contexto, emerge a necessidade de responder à seguinte indagação: de que maneira a interseção entre o planejamento bibliotecário e as práticas antirracistas têm sido abordados nos artigos científicos dos campos da Biblioteconomia e Ciência da Informação, nos últimos dez anos? Orientado por essa questão, o presente estudo estabelece como objetivo geral: analisar os artigos de periódicos acerca da discussão sobre o planejamento bibliotecário voltado às práticas antirracistas em bibliotecas.

Ao investigar o que a literatura científica aponta sobre essa aproximação na elaboração de planos de ações direcionadas à promoção de práticas antirracistas, este trabalho propõe integrar tanto as discussões teóricas sobre a biblioteca como agente de enfrentamento à violência racial quanto a dimensão pragmática dessa atividade. Tal articulação busca consolidar o compromisso ético e político da profissão e das instituições bibliotecárias contra o racismo.

2 Percorso metodológico

Trata-se de uma pesquisa caracterizada por uma abordagem qualitativa, com delineamento exploratório. O estudo exploratório visa ampliar o entendimento acerca

de fenômenos subexplorados e/ou refinar problemas de pesquisa cujos contornos permanecem teoricamente imprecisos (Apolinário, 2011), comum às pesquisas em estágios iniciais, uma vez que a pessoa pesquisadora ainda não detém o conhecimento aprofundado no tema (Gil, 2010).

Para isso, a pesquisa desenvolveu-se à luz do método Análise de Conteúdo, compreendida não apenas como um recurso técnico, mas como um conjunto de ferramentas. Tal recurso viabiliza as etapas de coleta, tratamento e interpretação das evidências empíricas nas fases de pré-análise, exploratória e interpretação dos resultados (Bardin, 2016). As categorias, definidas *a priori* são: Acervos decoloniais e antirracistas - C1; Educação antirracista - C2; Ético e político contra o racismo - C3 e; Organização e representação crítica do conhecimento - C4. Conforme os preceitos bardanianos, as categorias observam o princípio da exclusão mútua, segundo o qual cada elemento não pode ser classificado em mais de uma divisão (Bardin, 2016).

Para delimitação do *corpus* a partir da estratégia de busca, utilizou-se operadores booleanos e técnicas de truncamento. Os termos selecionados e suas respectivas flexões compreendem: “biblioteca antirracista”, “bibliotecas antirracistas”, “*anti-racist library*” e “*anti-racist libraries*”. No idioma espanhol, a grafia do termo é idêntica à do português. O levantamento dos artigos foi realizado em março de 2026 na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), repositório direcionado aos campos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Como critérios de inclusão, o documento deveria: (A) estar indexados em periódicos da base selecionada; (B) ser artigo científico; (C) permitir acesso ao texto completo; (D) estar nos idiomas português ou espanhol ou inglês; (E) ter sido publicados entre 2016 e 2025 (últimos 10 anos) e; (F) apresentar evidências relativas de que abordam práticas antirracistas em biblioteca.

3 O planejamento bibliotecário precede a ação antirracista

É imprescindível que práticas antirracistas sejam desenvolvidas pelas bibliotecas, independente da sua tipologia. Suas ações e estratégias devem estar previstas no planejamento bibliotecário. Contudo, a atividade bibliotecária carece, frequentemente, de um plano sistemático de trabalho. De acordo com Almeida (2009) este planejamento é frequentemente negligenciado sob a justificativa de escassez de tempo. Contudo, nota-se uma percepção equivocada por parte dos profissionais, visto que a execução

adequada dessa atividade resulta em otimização futura, tanto em relação ao tempo, quanto de recursos institucionais.

O planejamento em bibliotecas configura-se como um processo contínuo, dinâmico e sistemático. Tal atividade consiste em delimitar objetivos estratégicos e detalhar etapas operacionais, antecipando cenários possíveis para a viabilização de produtos e serviços. O propósito central reside na entrega de resultados com qualidade e otimização dos recursos humanos e materiais que, invariavelmente, apresentam-se escassos ou limitados (Almeida, 2009).

Contudo, se esse planejamento for executado de forma isolada ou esporádica, incorre no risco de limitar-se à elaboração de planos com o foco em si mesmo. Tal prática compromete a eficácia do processo, impedindo que este contribua para o alcance dos objetivos institucionais e para a proposição de soluções frente aos diversos desafios cotidianos das organizações (Almeida, 2009).

É nesse ponto que o paradigma da neutralidade potencialmente pode interferir. Trata-se de uma ideologia que mascara o poder da omissão. Reconhecer que as bibliotecas são instituições políticas e que a organização do conhecimento é um ato de escolha permite ao profissional atuar de forma mais ética e consciente. Assim, ele pode pautar a dimensão da justiça social e racial, em vez de sustentar uma suposta neutralidade, como se sua ação ou omissão não afetasse os usuários de biblioteca.

Atuar a partir do reconhecimento de que as práticas profissionais são dotadas de valores e, portanto, desprovidas de neutralidade, constitui um requisito fundamental para a implementação de ações antirracistas em bibliotecária. Adler e Harper (2018) afirmam que a organização da informação e do conhecimento não constitui um processo neutro; de igual modo, a biblioteca e as práticas bibliotecárias são permeadas por subjetividades e valores. Essa percepção decorre, principalmente, da crença persistente em uma suposta objetividade nas ações técnicas, muito embora a *práxis* bibliotecária seja permeada por juízos de valor. As consequências da crença em uma neutralidade prática mascaram a realidade, e neste caso, a opressão racial, inviabilizando as intervenções necessárias. Neste sentido Bento (2022) alerta que a crença acrítica na neutralidade atua como mecanismo de silenciamento das questões raciais e de manutenção do racismo institucional.

Dessa forma, fazem-se necessárias algumas considerações sobre esse tipo de racismo. O racismo institucional não deve ser compreendido de forma isolada, visto que opera de maneira articulada. Individualmente ocorre por meio de preconceitos, estereótipos e discriminações; no âmbito organizacional, através das desigualdades socioeconômicas comunitárias; e no plano estrutural, é impulsionado pela governança neoliberal e globalização. Essa convergência produz a racialização institucional, processo cumulativo pelo qual as desigualdades raciais são produzidas e sustentadas pelas instituições (Phillips, 2011).

Fundamentado no legado do escravismo, o racismo estrutural brasileiro opera como um mecanismo de exclusão a serviço da hegemonia burguesa (Moura, 2014). Esse sistema de dominação molda políticas de gestão que marginalizam negros e indígenas, impactando de forma direta na formação, na prática profissional e nos serviços no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Nesse sentido, a atuação da biblioteca antirracista pode ser desenvolvida sob várias perspectivas. Isso significa que ela pode se apoiar em distintos pressupostos teóricos e metodológicos para fundamentar suas intervenções. Estas podem ser representadas por categorias temáticas analíticas, em aproximação ao que propõe Bardin (2016).

Tais categorias podem ser utilizadas como guia de análise. A primeira categoria, denominada “Acervos decoloniais e antirracistas”, constitui um pilar fundamental de qualquer biblioteca. Ela volta o olhar para a natureza das fontes de informação, avaliando se estas reproduzem elementos racistas. Neste sentido, Silva (2020) argumenta que nas bibliotecas, quando o acervo ignora recursos de informação que retratam a realidade histórica e cultural de pessoas negras, contribui para o racismo epistêmico.

A segunda perspectiva foca na função pedagógica da biblioteca, resultando na categoria denominada “Educação antirracista”. Sob esta lente, a unidade de informação promove o desenvolvimento da competência em informação e do letramento racial em sua comunidade. Corroborando com esse pressuposto, Gopal (2024), sustenta que sob o prisma educacional, as bibliotecas desempenham um papel imprescindível no desenvolvimento das faculdades intelectuais do indivíduo, consolidando-se como ambientes fundamentais para o pensamento crítico.

A terceira perspectiva refere-se à dimensão ética e política, originando a categoria analítica denominada “Ético e político contra o racismo”. Esta lente define os posicionamentos profissionais e institucionais necessários para o enfrentamento do racismo em ambientes biblioteconômicos. Conforme preconiza Silva (2022), na dimensão política, a *práxis* bibliotecária pressupõe uma consciência ética e crítica, apta a viabilizar intervenções efetivas diante das assimetrias raciais.

A última perspectiva discutida é representada pela categoria analítica “Organização e representação crítica do conhecimento”. Esta volta-se às práticas bibliotecárias, focando na adequação crítica de instrumentos e processos para identificar vieses, preconceitos e racismos. Isso porque, segundo Adler e Harper (2018), os sistemas e instrumentos de organização e representação do conhecimento, criados entre os séculos XIX e XX, possuem concepções racistas.

4 Do vestígio a ausência: discussão dos achados

Na etapa de pré-análise, conforme preconiza Bardin (2016), procedeu-se à triagem e à delimitação do conjunto documental. Embora a base de dados BRAPCI tenha retornado inicialmente quinze documentos com os parâmetros adotados, a aplicação dos critérios de buscas resultou em um conjunto final de dez artigos científicos pertinentes, constituindo assim o *corpus* da pesquisa. No que tange à distribuição, constatou-se que, dos dez artigos analisados, 50% (cinco) vinculam-se à categoria C1, 30% (três) à categoria C2, enquanto as categorias C3 e C4 contemplam, cada qual, um artigo (10%). Essa vinculação revela que houve distintas perspectivas e enfoques temáticos no *corpus* analisado. Isso gerou distintas abordagens e revelou a coexistência de, ao menos, quatro categorias analíticas. Por essa razão, articulada à revisão de literatura e à experiência das pessoas autoras, tais categorias foram propostas na metodologia deste trabalho e constituiu o objeto de análise desta seção.

Segundo postula Gomes (2002), a unidade de registro na análise de conteúdo pode ser constituída por palavras, frases, orações ou unidades temáticas. A partir disso, neste estudo, a unidade de análise foi constituída pelo assunto central associado a discussão sobre o planejamento bibliotecário e a respectiva categoria temática enquadrada. Tais elementos constituem a base analítica, sistematizados no Quadro 1.

Quadro 1 - Variáveis analíticas extraídas do *corpus* da pesquisa por categoria e por documento.

docu-mento	assunto principal	aborda o planejamento	inferências: planejamento x antirracismo
D1	biblioteca com autores negros	não	não faz menção sobre inserção de ações antirracista no planejamento bibliotecário
D2	desenvolvimento de acervos antirracistas	não	trata-se das potencialidades dos acervos em quadrinho mas não discute planejamento.
D3	desenvolvimento de acervos antirracista na biblioteca	superficial	menciona de forma tímida o planejamento bibliotecário, mas discute.
D4	a biblioteca pode desenvolver coleções e ações antirracista	superficial	menciona de forma tímida o planejamento bibliotecário, mas discute.
D5	youtube como uma fonte de antirracista na biblioteca	não	não menciona o planejamento, só o youtube como fonte antirracista
D6	foca na formação bibliotecária antirracista	não	embora abordem a educação antirracista, não faz menção ao planejamento
D7	biblioteca antirracista usando literatura	superficial	aborda o antirracismo e menciona indiretamente o planejamento
D8	educação antirracista por meio da literatura	não	a biblioteca como instrumento de acesso à literatura, mas nada sobre o planejamento
D9	ações antirracistas por meio da ética e da política	superficial	menciona plano estratégico na prática bibliotecária, mas não é desenvolvido.
D10	ambiente digital para organização da informação	superficial	refere-se, de forma tímida à atividade de planejar serviços bibliotecários antirracistas

Fonte: As pessoas autoras baseadas nos dados da pesquisa.

A categoria C1 foi estabelecida com o intuito de extrair reflexões acerca do *corpus* analisado, cuja centralidade dos artigos residiam em torno de recursos e fontes de informação, acervos e coleções, como mecanismos para a promoção de práticas antirracistas e decoloniais, como postulou Silva (2020) ao mencionar à constituição de acervos antirracistas e decoloniais para confrontar o racismo. Nessa categoria, D1 está centrado na formação de acervos com obras de pessoas negras; D2 refere-se histórias em quadrinhos com teor antirracista; D3 e D4 defendem o papel da pessoa bibliotecária desenvolvendo acervos antirracistas. E, D5 discute uma fonte alternativa para permitir a biblioteca confrontar a violência racial, o YouTube. Verifica-se que tais inferências encontram correspondência às premissas estabelecidas por Silva (2020).

A análise dessa categoria revela que três das cinco publicações não estabelecem conexão entre as ações antirracistas e a atividade de planejamento bibliotecário. Os outros dois, mencionam a ação planejada de forma superficial e isolada, sem discussão. Contrária, portanto, o que defende Almeida (2009) ao mencionar que o planejamento é pautado pelo conhecimento da área.

Quanto a análise da categoria C2, as reflexões concernentes à promoção de ações antirracistas em bibliotecas, em interface com o planejamento, foram examinadas

sob o prisma educacional. Por este prisma, Faben e Oliveira (2022) defendem que a educação antirracista na formação da pessoa bibliotecária é um vetor fundamental para a construção de uma sociedade equânime. Capacitado, o profissional deve atuar para mitigar preconceitos mediante uma *práxis* crítica e voltada à justiça racial no âmbito da biblioteca. Valério *et al.* (2021) defendem que essa dimensão educativa desempenha um papel de destaque na promoção de práticas antirracistas, à medida que capacitam bibliotecários(as) para competência em informação. Assim, atuarão tanto na seleção criteriosa da informação como na mediação para o alcance dos objetivos, sobretudo para atender à população negra.

Em consonância com os autores anteriores, nesta categoria, D6, D7 e D8 destacam a educação como mecanismo de enfrentamento ao racismo; D6 preconiza a educação antirracista na formação bibliotecária. D7 e D8 reivindicam o papel da literatura como instrumento para confrontar às mazelas da discriminação racial neste gênero textual. Apesar de discutir a biblioteca antirracista pela lente da educação, não aborda seu planejamento.

Quanto aos elementos da categoria C3 no *corpus*, nota-se que apenas uma publicação discute práticas antirracistas em bibliotecas sob a ótica de uma abordagem que privilegia a dimensão ético-política como estratégias de enfrentamento do racismo institucional. Em D9 há correlação com a dimensão educacional, convergindo, portanto, ao pensamento de Silva (2022) quando atribui à conduta ética e crítica na prática bibliotecária como condição para identificar desigualdades raciais e propor intervenções. Apesar disso, a menção relacionada à ideia de planejamento é isolada, pontual e omite uma discussão. Embora a literatura sobre planejamento bibliotecário não garanta, por si só, a aplicação prática, é a partir de sua fundamentação que se pode realizar a concepção que Almeida (2009) defende ao afirmar que o planejamento é um compromisso instituído contra a improvisação.

A quarta categoria analítica C4 alinha-se às perspectivas teóricas da Biblioteconomia e Ciência da Informação voltadas à organização crítica do conhecimento. Essa categoria fundamenta-se nos pressupostos de Adler e Harper (2018) de que as práticas bibliotecárias não são neutras, podendo, ao contrário, reproduzir o racismo institucional. Nela, D10 aborda o ambiente digital sob a ótica da avaliação de sistemas de recuperação da informação. Em interface com a atividade de

planejamento, o estudo sugere que o gestor da unidade de informação deve garantir a implementação de vocabulários controlados que sejam tecnicamente adequados e sensíveis à recuperação de informações voltadas às relações étnico-raciais (Campos; Valério, 2021). Apesar disso, não faz qualquer menção ao planejamento bibliotecário.

5 Palavras finais por enquanto

O resultado desta pesquisa evidencia que, embora a literatura da área apresenta discussões relevantes acerca de práticas antirracistas em bibliotecas, a articulação entre essas ações e o planejamento bibliotecário ainda se mostra incipiente, escassa e, em muitos casos, apenas tangencial. Predominam abordagens voltadas à constituição de acervos decoloniais e antirracistas, à dimensão educativa da biblioteca e à necessidade de práticas ético-políticas comprometidas com a justiça racial, mas não discutidas como parte estruturante de um planejamento sistemático.

A análise do *corpus* também permitiu constatar que o planejamento permanece frequentemente ausente ou tratado de forma superficial nas publicações examinadas, o que reforça a permanência de práticas marcadas pela improvisação e pela descontinuidade institucional. Isso revela uma lacuna teórica e pragmática no campo, especialmente quando se considera que o enfrentamento ao racismo exige ações intencionais, contínuas e institucionalizadas. Por fim, considera-se que este estudo contribui para ampliar o debate sobre o papel das bibliotecas e da pessoa bibliotecária no enfrentamento ao racismo institucional, ao mesmo tempo que aponta a necessidade de pesquisas que aprofundem metodologias, instrumentos e modelos de planejamento voltados à implementação de práticas antirracistas. Afinal, se a ação transforma, é no planejamento que ela começa.

REFERÊNCIAS

- ADLER, M.; HARPER, L. M. Race and ethnicity in classification systems: teaching knowledge organization from a social justice perspective. **Library Trends**, v. 67, n. 1, p. 52-73, 2018.
- ALMEIDA, M. C. B. de. **Planejamento de bibliotecas e serviços de informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009. 144 p.
- APOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica**: um guia para a produção do conhecimento científico. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BENTO, M. A. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 129 p.
- CAMPOS, A. F.; VALÉRIO, E. D. AYA Biblioteca: investigação para a encontrabilidade da informação étnico-racial. **Ciência da Informação Revista**, v. 8, n. 2, p. 105–120, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufal.br/cir/article/view/12382>. Acesso em: 8 fev. 2026.
- FABEN, A.; OLIVEIRA, D. S. de. A educação antirracista nos cursos de biblioteconomia no Brasil. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 18, n. 3, p. 1–16, 2022. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1913>. Acesso em: 5 mar. 2026.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 67-80.
- GOPAL, H. D. Concept of Library Science. **International Journal of Research**, v. 10, n. 3, p. 116-124, 2024. Disponível em: <https://ijrils.in/wp-content/uploads/2024/09/ijrils-1780.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2026.
- GUIMARÃES, A. S. A. Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 61, p. 147-162, 2001.
- MOURA, C. **Dialética radical do Brasil negro**. 2. ed. São Paulo: Fundação Maurício Grabois; Anita Garibaldi, 2014. 336 p.
- PHILLIPS, C. Institutional Racism and Ethnic Inequalities: An Expanded Multilevel Framework. **Journal of Social Policy**, Cambridge, v. 40, n. 1, p. 173-192, jan. 2011. Disponível em: <https://encurtador.com.br/Gpbu>. Acesso em: 16 abr. 2026.
- SILVA, A. S. da. Possibilidades decoloniais para bibliotecas universitárias brasileiras: fortalecendo as práticas integradoras face a efetivação de ações antirracistas. **Folha de Rosto**, v. 8, n. 1, p. 121-132, 29 abr. 2022.
- SILVA, F. C. G. da. Colonialidade do saber e dependência epistêmica na biblioteconomia: reflexões necessárias. In: DUQUE-CARDONA, N.; SILVA, F. C. G. da. **Epistemologias Latino-americanas em Biblioteconomia e Ciência da Informação: contribuições da Colômbia e do Brasil**. Florianópolis: Nyota, 2020.
- VALÉRIO, E. D.; CAMPOS, A. F.; LOURENÇO, A.; NOGUEIRA, B. Refletindo sobre a formação de pessoas bibliotecárias para a competência em informação no âmbito das relações étnico-raciais. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 26, n. 3, p. 1–13, 2021. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1836>. Acesso em: 5 mar. 2026.